Ano 3, n. 9, 2010
Seção Colunas
28/04/2011

Você já leu Dom Quixote?

Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo é Doutor em Literatura Comparada, Professor Associado de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da UERJ e pesquisador do CNPq. Publicou doze ensaios, entre eles “A Educação pelo Argumento” e “O Livro da Metaficção”, e onze romances, entre eles “A filha do escritor” e “Nanook”. Publicou, pela editora Rocco, o livro “Conversas com um professor de literatura”, contendo 50 crônicas desta Revista Eletrônica do Vestibular da UERJ. Seu ensaio “A ficção de Deus”, publicado pela Annablume, acaba de receber o Prêmio da Biblioteca Nacional para o Melhor Ensaio Literário de 2015. Edita o site www.gustavobernardo.com, sobre as suas obras.

Embora nem todas as pessoas saibam quem foi Miguel de Cervantes, decerto quem é leitor contumaz reconhece o nome de Dom Quixote e o associa imediatamente ao amigo Sancho Pança. Com pouco mais logo se lembra que o principal romance de Cervantes, O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha, é considerado o melhor romance de todos os tempos.

Entretanto, se perguntarmos a esse leitor se leu esse romance, talvez ele diga que o leu na escola, sem atentar que teve em mãos apenas uma adaptação de clássicos para jovens e não o romance verdadeiro, com seus dois volumes e cerca de mil páginas. Uma das principais maneiras de estimular a ignorância reside nesse crime de lesa-literatura chamado adaptação para jovens, pelo qual se convencem as pessoas de que leram o livro que nunca leram.

A segunda maneira reside na própria inércia dos leitores modernos, que adiamos a leitura dos clássicos para quando tivermos tempo isto é, para o dia de São Nunca. A leitura de Dom Quixote, porém, não pode ser adiada. Ela representa a diferença entre a sabedoria e a arrogância.

Exagero?

Bem, talvez eu esteja sendo um pouco quixotesco, mas é quixotescamente que nos aproximamos da verdade humana. Como a verdade humana é sempre trágica e ridícula ao mesmo tempo, apenas aquele que consegue enxergar essa combinação paradoxal reconhece o seu espelho. Para consegui-lo, a leitura das aventuras desse personagem magro e envelhecido, que é ao mesmo tempo um louco, um bobo, um filósofo e um santo, torna-se imperiosa.

Muito antes de qualquer pós-modernismo, Cervantes já borrava a distinção entre autor e narrador, multiplicando vozes narrativas e possibilidades de autoria. Os diversos narradores de Dom Quixote ainda se mostram inseguros quanto ao nome verdadeiro do próprio protagonista da história: seria Quijada, Quesada ou Quijana? Se o leitor não sabe muito bem quem escreveu, quem narra e quem atua, como ele fica? No íntimo, talvez desenvolva uma dúvida séria sobre a sua própria identidade.

Foram dúvidas como estas que moveram Dom Quixote: ele nem sabia como se chamava mas sabia como queria se chamar. Nesse romance, tudo o que parece é e não é ao mesmo tempo. O personagem parece louco, posando de herói com uma bacia na cabeça, mas é também um sábio. A loucura cumpre um papel metafórico, representando compreensão e transformação profundas.

O personagem se inventa como cavaleiro andante na época em que já não existem mais cavaleiros andantes. No entanto, a invenção se dá entre muitos engodos. Os engodos divertem nos dois sentidos: fazem rir e enganam, como quando os amigos e parentes do fidalgo perturbado se unem para queimar os romances da sua biblioteca, considerando-os responsáveis pela loucura do dono. A ideia já não era original, se naquele mesmo século a Santa Inquisição adorava queimar tanto carne de herege quanto página de livro. Mas a originalidade de Cervantes residia em defender a queima de livros, principalmente romances, onde? Dentro de um romance. A ironia seria óbvia hoje, mas na época os inquisidores não a perceberam, para sorte do autor.

O cavaleiro justifica todas as derrotas frente à realidade atribuindo-as a feitiços malvados dos encantadores. Os encantadores representam bem os poetas, cuja função é a de garantir a coexistência e a compatibilidade dos diversos universos de significado. Os encantadores existem para proteger os paradoxos e os enigmas. O mundo precisa se ver como um jogo, o jogo dos infinitos erros. O tema do fidalgo doido dá a Cervantes a possibilidade de mostrar o mundo através de uma neutralidade original porque múltipla, através de uma combinação de perspectivas que interroga, sim, mas não julga.

A história de Dom Quixote pode ser lida como o supra-sumo da filosofia porque: ela nos faz pensar, rindo; ela nos faz rir, pensando; ela nos conta que é preciso saber, mas não saber tudo. Em outras palavras, é preciso proteger o enigma, em especial quando se trata do enigma representado pelo outro. A aceitação da necessidade de não resolver ou de não desfazer o enigma é reforçada pelo próprio Quixote, quando critica o curto entendimento do seu roliço escudeiro:

> *Pois é possível que, andando comigo há tanto tempo, ainda não tenhas reconhecido que todas as coisas dos cavaleiros andantes parecem quimeras, tolices e desatinos, e são ao contrário realidades? E donde vem este desconcerto? Vem de andar sempre entre nós outros uma caterva de encantadores, que todas as nossas coisas invertem, e as transformam, segundo o seu gosto e a vontade que têm de nos favorecer ou destruir-nos. Ora aí está como isso, que a ti parece bacia de barbeiro, é para mim elmo de Mambrino, e a outros se figurará outra coisa.*

A mesma coisa é: o elmo de Mambrino e uma bacia de barbeiro. A mesma coisa pode ser outra. A loucura de Dom Quixote não é patética, mas sim corajosa: ele leva a sério suas verdades e abdica de julgar a verdade dos demais.

A fantasia quixotesca não nos afasta do verdadeiro conhecimento, mas todo o contrário: ela é precisamente a via para esse conhecimento.